

CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E PERFORMÁTICA

Luciene Cristina Paredes Müller¹

Joseane Aparecida de Souza Francisco.²

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira³

RESUMO

O processo de construção da identidade é um tema que nos dias atuais tem gerado muita polêmica entre pesquisas e estudos acadêmicos. Muitas teorias são levantadas a esse respeito, como processo, está em constante transformação, há sempre a desconstrução e reconstrução identitária do ser humano, dependendo de seu meio social, gênero, raça, etc. O indivíduo já nasce com uma identidade pré-estabelecida, a família é a primeira envolvida nesse processo, no entanto, durante seu convívio com o outro, há uma mudança de postura, ou seja, a desconstrução e reconstrução de postura e modos de pensar e agir. A linguagem tem papel fundamental e determinante, assim, ela é responsável por transmitir informações, por meio dela agimos, participamos de momentos de reflexões, leituras, debates, mudando o modo de ser e ver o “eu” e o “outro”. A investigação do desenvolvimento ou formação da identidade é base que serve de *corpus* para muitos estudos, principalmente por envolver a linguagem, a qual é observada e modificada pela interação do falante e do ouvinte, e também está presente nas relações de poder. Nesse sentido, como *corpus* deste trabalho, foi escolhido o poema “Excertos”, do autor Oliveira Martins. Será feita uma análise tendo por base teórica e objetivos as pesquisas desenvolvidas pelos autores Hall (2006) e Silva (2012) que tratam da construção, desconstrução e reconstrução da identidade. Sob a perspectiva decolonial, buscamos uma reflexão na obra de Grada Kilomba (1968) para explicitar os processos de identidades e transformações porque passou o negro escravizado e as marcas que ainda estão presentes nessa população. Diante do exposto, busca-se apresentar um recorte sobre o tema a formação da identidade, partindo da construção, desconstrução e reconstrução, fazendo uma relação preliminar, sem aprofundar o assunto, com o decolonialismo como exemplo de transformação identitária e aceitação do eu e do outro, nesse sentido, vem contribuir com essa pesquisa a obra do autor Bauman (1990) que nos apresenta a performance, a qual visa auxiliar essa abordagem que trata do “eu”, focada principalmente nos atos de fala.

Palavras-chaves: Identidade. Linguagem. Reconstrução.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora de Língua Portuguesa das Redes de Ensino Municipal e Estadual de Mato Grosso do Sul - MS.

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora de Língua Portuguesa da Rede de Ensino Municipal de Campo Grande - MS.

³ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora de Língua Inglesa das Redes de Ensino Municipal e Estadual de Mato Grosso do Sul - MS.

INTRODUÇÃO

Desde primórdios, já havia uma grande preocupação em relação à formação da identidade dos indivíduos. Estudiosos, filósofos, pesquisadores buscaram arduamente explicar as transformações identitárias que por vezes é determinada pela cultura, sociedade, pelo reconhecimento do outro e aceitação de si. Pode-se afirmar que a linguagem tem papel fundamental nesse processo, pois por ela é determinada, ou podemos dizer que, por meio da linguagem a identidade é construída, desconstruída e reconstruída diariamente quando participamos de debates, leituras e trocas de experiências.

A investigação do desenvolvimento ou formação da identidade é base que serve de corpus para muitas pesquisas, pois cada vez mais está presente na academia, sendo observada e modificada pela interação do falante e do ouvinte. Desestruturando realidades até então ditas como verdadeiras, e também pela não aceitação do que está posto, numa relação de poder sobre em que acreditar ou seguir.

Outro aspecto a ser destacado sobre a identidade é o decolonialismo, pois o fato da colonização e os traumas causados e carregados até hoje pelos seres humanos escravizados refletem na atualidade, por maiores que sejam os esforços para tratar desse assunto ele é bastante presente nas discussões sobre a formação da identidade. Nesse sentido, a linguagem merece destaque, pois ela é um ato e por meio dela agimos, construímos, desconstruímos e reconstruímos identidades. Para compreendermos esse processo de formação da identidade haverá uma relação com a performance, que vem explicar os atos da fala e da linguagem, numa perspectiva que parte da contextualização, entextualização, descontextualização, para assim desconstruir o que está posto a fim de formar uma nova identidade, pois ela está em contínua transformação.

Diante do exposto, busca-se apresentar um recorte sobre o tema a formação da identidade, partindo da construção, desconstrução e reconstrução da mesma, fazendo uma relação preliminar, sem aprofundar o assunto, com o decolonialismo como exemplo de transformação identitária e aceitação do eu e do outro, tendo por base para exemplificar este estudo a performance, a qual visa auxiliar essa abordagem que trata do “eu”, focada principalmente nos atos da fala. Teremos como *corpus* para análise da identidade o texto “Excertos”, do ano de 1898, do autor Oliveira Martins, que com maestria escreveu sobre a transformação do homem, em um processo de transformação da identidade, que é posto e está em constante modificação.

A CONSTANTE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELA VISÃO PERFORMÁTICA

A linguagem tem papel fundamental na construção da identidade, assim como na sua desconstrução e reconstrução, pois juntas atravessam todos os itens do discurso, o de apresentar fatos, desconstruir, criar ideias, hábitos, mudar o agir e o pensar das pessoas, num processo contínuo.

Estamos em constante interação uns com os outros, mesmo que hoje de maneira mais virtual, por esse motivo Hall afirma que “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2006, p. 8). O autor acrescenta que as sociedades modernas estão se transformando, mudando e fragmentando o que temos de conceito de classes sociais, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, o que tem causado nos indivíduos uma crise de identidade (desconstrução e reconstrução). Podemos considerar que o ser humano está saindo da sua zona de conforto, mudando o que conhecemos de nós, nossas identidades pessoais e estáveis. O instável desloca-se do “eu” interior para o eu exterior à medida que se confronta com o outro.

Ao nascermos já temos uma identidade pré-determinada por nossos pais, quando vamos nos desenvolvendo há um processo de construção baseado na sociedade em que estamos inseridos e na

cultura adquirida, podemos dizer que as pessoas são seres produzidos/criados por outros seres e muitas vezes há uma relação de poder por trás de tudo isso, o que implica uma identidade oprimida. A identidade é uma construção social em constante processo, nunca está completa. Nesse sentido, temos a identidade como um ato performático, pois “os estudos de performance podem abrir um campo mais amplo de perspectivas sobre como a linguagem pode ser estruturada e quais papéis pode exercer na vida social” (BAUMAN, 1990, p. 189).

Sendo a linguagem uma ação social, ela é responsável pela construção da identidade, visto que as teorias da performatividade vêm auxiliar no entendimento das concepções da natureza e da ação social. Nesse sentido

Da maneira como o conceito de performatividade foi desenvolvido em linguística, a performance é vista como um modo habilidoso [artful] de fala, especialmente marcado, e que constrói ou representa um enquadre interpretativo especial, dentro do qual o ato da fala deve ser estendido. Performance coloca o ato da fala em destaque – o objetifica, o destaca parcialmente de seu cenário de interação e o oferece para avaliação por uma audiência. (BAUMAN, 1990, p. 207).

A performance destaca o ato da fala, leva uma interpretação do sujeito sobre o outro, passa a desconstruir o que foi posto como verdade absoluta, por isso a construção da identidade de acordo com a performance parte de práticas de contextualização, ou seja, a reflexão ativa dos sujeitos sobre o discurso, avaliando a estrutura e os significados da própria fala e como essa fala interage e influencia a formação identitária.

A desconstrução da identidade emerge da descontextualização que foca na investigação do discurso com perguntas como: o que torna isto possível? Como isso é alcançado? Parte de questionamentos sobre o que é importante nessa interação entre sujeitos. Nesse sentido, relaciona-se a contextualização com a extextualização que visa transpor o significado de um texto a um outro contexto, desestabilizando ou modificando uma significação já pronta, cristalizada, a fim de refletir sobre um discurso sociohistórico, partindo de diversos posicionamentos interpretativos que se fazem em momentos de interação entre os sujeitos sobre determinado assunto ressignificando o que foi posto, é na verdade, um discurso que parte da descontextualização.

Tendo em vista o que já foi citado sobre a linguagem ser fator predominante no processo de construção, desconstrução e reconstrução da identidade, cabe a nós utilizar os variados meios possíveis para desestabilizar o conceito que temos sobre determinadas situações do discurso, passando a ter novos pensamentos e posicionamentos.

Nesses casos

Também é importante lembrar que a performance é uma qualidade variável; sua relevância entre as várias funções e enquadres de um ato comunicativo pode variar ao longo de um contínuo desde uma performance completa, contínua, até um passageiro irromper de performance. (BAUMAN, 1990, p. 208).

Observa-se nesse cenário que a extextualização como ato performático, busca apresentar uma maneira reflexiva de moldar o discurso, modificando-o e separando-o do contexto situacional, visto que o transpõe em novos contextos, transformando e readequando a identidade a partir desses fatores.

De acordo com o exposto, podemos afirmar que

Análises orientadas pela performance estão, então, bem posicionadas para continuar a missão crítica sobre a qual foram fundadas, testando nossas próprias concepções da linguagem e nossa própria prática acadêmica, ao buscar compreender o papel da linguagem e da poética na vida social das culturas do mundo. (BAUMAN, 1990, p. 216).

Partindo desse cenário, podemos definir o sujeito sobre o viés de várias identidades, construídas, desconstruídas e reconstruídas por meio da linguagem através do tempo e do social que os envolve.

IDENTIDADE(S)

Muito tem se falado de identidade, é tema de estudos e pesquisas, principalmente em relação ao respeito e à tolerância com o que é “diferente” ao olhar do outro. Como aceitar aquilo que não acredito ou que não sei lidar? Viemos falando de desconstrução e reconstrução da identidade, assunto esse ainda preso aos meios acadêmicos e pouco discutido no meio social, visto que ao ser discutido gera polêmicas.

A identidade ocorre por meio da linguagem, assim como a diferença entre os seres, por esse motivo fazem parte dos meios cultural e social, interferindo e modificando o pensar de alguns indivíduos ou não.

De acordo com esse cenário

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são resultado de atos de criação linguística, significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tendemos a tomá-las como dadas, como “fatos da vida”, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm de ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. (SILVA, 2012, p. 76-77).

A linguagem, como já mencionado, é fator predominante e determinante da identidade, por meio dela as diferenças são ou não aceitas, o “outro” passa ou não a fazer parte do “eu”. A construção, desconstrução e reconstrução da(s) identidade(s) é um processo constante que inclui o momento histórico, o gênero, a raça, o ambiente social em que se está inserido, a convivência e o relacionamento entre as pessoas. Para o autor citado anteriormente “a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente” (SILVA, 2012, p. 96).

Podemos relacionar esse fato à performance que busca construir o ser via linguagem, sendo possível a partir de um ato discursivo, no meio social, para assim trabalhar as várias faces da identidade.

Durante toda a vida, o indivíduo forma a sua identidade, pois ela é incompleta, está sempre sendo “bombardeada” de informações (discursos). “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 39). Por esse motivo podemos falar em identidade(s), a todo momento estamos sendo transformados a partir de nosso interior, a partir de como o “outro” nos vê e como nos vemos.

Sobre esse ponto de vista, destaca-se o decolonialismo para explicar a construção da identidade a partir de um trauma violento que ocorreu na escravidão e a mudança (desconstrução e reconstrução) para o surgimento de um novo “eu”.

O DECOLONIALISMO COMO FATOR PREDOMINANTE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO

Pensar o processo de formação, construção, desconstrução e reconstrução da identidade sobre um olhar decolonial, nos faz refletir sobre um passado de escravização não tão distante, muito presente nos dias atuais nas discussões sobre o existir. Nesse sentido, passamos a ter um novo olhar, com novas perspectivas para o mundo e o ser, sobre o seu papel social e transformador da identidade.

A linguagem e a identidade são vias fundamentais ao decolonialismo. Estudos apontam que há uma virada epistemológica, outros olhares sobre o existir e não apenas a visão ocidental/oriental, há uma interpretação diferente, ou seja, desconstrução e reconstrução sobre o projeto colonialista de sociedade e as que são impostas pelas relações de poder. Baseado nessa visão, é preciso repensar essa perspectiva identitária a partir do projeto colonial de sociedade, desconstruir e reconsiderar como estruturamos o nosso “eu” por meio de uma nova visão colonizadora.

Nesse aspecto, podemos citar o trauma que esses eventos causaram e refletem até hoje como formação de identidades

A escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o sujeito é incapaz de responder adequadamente. (GRADA, 1968, p. 214).

Essas são marcas que formam e transformam identidades de maneira dura e cruel, pois torna-se impossível separar um passado marcado pela violência e que constantemente volta à tona nos atos, falas, no racismo cotidiano praticado pelo outro. Esse racismo, como afirma Grada (1968) não é individual, e sim, memórias e variados eventos violentos vividos pelo povo negro e escravizado, marcados historicamente por horrores que foram praticados e ainda são, essas memórias são coletivas, fazem parte da vida de toda uma nação que teve sua vida e identidade invadidas, desrespeitadas e violadas.

Nesse sentido, surge a questão, como reconstruir essa identidade que já vem imposta por uma relação de poder, baseada nos traumas passados por um povo que teve sua vida modificada por meio da força e dos horrores da escravidão? Não se pode negar o que a história traz e o que reflete no presente nos dias atuais. Grada (1968) cita “cinco mecanismos diferentes de defesa do ego: negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização. Ela traz esses itens como uma forma de reconstruir o “eu”, a identidade, de ser autor de uma outra realidade.

Com base nessas afirmações de Grada, temos abaixo o *corpus* a ser analisado neste estudo.

O CORPUS: EXCERTOS

“Civilização é a apropriação e compreensão gradual e sucessiva da Natureza pelo Homem.

Assim como a Natureza chega a existir pela apropriação e realização das forças dentro de si, o Homem chega, pela civilização, a existir em virtude do principio harmônico das faculdades que possui. A Natureza afirmada pela Razão: a Natureza, como uma noção positiva e científica, existe realmente quando pode chegar a produzir essa Razão pela qual obtemos a posse delta.

O Homem, entre livre pelo poder de reflexão, existe positiva e cientificamente quando pode, pela sua liberdade moral, determinar a sua liberdade natural.

Para a Natureza, como para o Homem, viver e trabalhar. Sem o trabalho, o Homem como a Natureza, não existiriam. Sem a manifestação da força, seria impossível a noção da matéria.

O trabalho, que é a prova da vida, consiste, no homem que se civilisa, pela lei fatal da Evolução, em ir gradualmente afirmando-se um ser moral livre; e pela consciencia adquirida, realizando-se um individuo natural igualmente livre.

Esta noção do individuo, moral e naturalmente livre, resolve-se no termo superior e definitivo da educação humana que se chama harmonia na consciência, solidariedade na economia. Como a força é uma, uma e a mesma, só variam as suas manifestações; como a materia é também uma e mesma em tudo, a liberdade moral importa o conhecimento de uma norma universal existente na consciência humana: a liberdade natural importa a realização de uma lei existente na natureza.

Essa norma chama-se Justiça.

Essa lei chama-se Trabalho.”

Oliveira Martins - A Teoria do Socialismo - Evolução Política e Económica das Sociedades da Europa (1872).

Vocabulário.⁴

ANÁLISE DO CORPUS COM BASE NOS ESTUDOS DE IDENTIDADE

O *corpus* foi escolhido por seu conteúdo riquíssimo a nos apresentar, nas palavras do autor, as transformações de identidade que os indivíduos passam durante sua vida e como esse processo também se reflete através do outro por meio da linguagem oral ou escrita. No caso do *corpus* analisado, fizemos a pesquisa em um poema.

Como mencionado, a identidade se constrói, desconstrói e reconstrói nas interações entre os sujeitos nos atos de fala e escrita, ou seja, na linguagem que tem papel fundamental nesse processo. O texto escolhido data o século XIX, no entanto, seu conteúdo é significativo e atual em nossos dias e nos estudos sobre a identidade.

Podemos perceber que o autor Oliveira Martins, no 1º parágrafo, faz uma análise da “*Natureza do homem*”, nesse sentido, de acordo com os estudos sobre a identidade, afirma-se que o ser humano já nasce com uma base, tudo depende de sua cultura, origem, meio social, raça, entre outros, o que vem determinar o seu “eu”. O meio social ao qual o indivíduo encontra-se inserido passará a determinar a sua construção identitária, que não está pronta e acabada, mas em constante transformação, tendo por base aquilo que o ser é, dentro de si, no seu interior.

O parágrafo 3 traz a seguinte frase: “*O Homem, entre livre pelo poder de reflexão*”, o autor demonstra nessas palavras que o homem tem o livre arbítrio para modificar-se constantemente, interagindo por meio da linguagem e reconstruindo-se a partir de momentos de reflexão com outros indivíduos, desconstruindo e reconstruindo-se progressivamente, porém é preciso atentar-se e respeitar as diferenças do “outro”, como afirma Silva (2012, p. 75) “identidade e diferença são, pois, inseparáveis”, e continua “diferença como produto derivado da identidade”, esses dois viés estarão sempre inter-relacionados, pois são resultados de atos linguísticos, criações sociais e culturais.

A frase tirada do 4º parágrafo: “*Sem o trabalho, o Homem como a Natureza, não existiriam*”, aqui temos um determinante da identidade, que coloca o homem como ser agente do social, visto que a identidade definida como discursiva e linguística é imposta pelas relações de poder, o que intensifica ainda mais as diferenças entre os indivíduos. Podemos perceber claramente essas diferenças identitárias na frase do 5º parágrafo: “*O trabalho, que é a prova da vida, consiste, no homem que se*

⁴ As palavras seguem a ortografia do século XIX, muitas têm as consoantes dobradas, a falta de acentuação e são grafadas de acordo com o som, a fonética.

civilisa, pela lei fatal da Evolução, em ir gradualmente afirmando-se um ser moral livre”, o autor com essas palavras passa a mostrar uma sociedade dividida. Para Silva (2012, p. 75) “a afirmação de identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir”, no trecho anterior esse posicionamento é claro, o ser é classificado entre “nós” e “eles” progressivamente. Nesse trecho podemos exemplificar os estudos de Grada Kilomba (1968), pois o ser humano encontra-se mais dividido, além do social, quando se fala em raça, as marcas deixadas por um passado ainda presente, o trauma, a “ferida” ou “lesão”, como a autora define esse sentimento. Todos esses itens definem a formação da identidade de toda uma nação.

O ser humano, em toda sua vida, em seu contexto histórico, cultural e social, aqui não nos aprofundaremos em outros aspectos, como gênero, encontra-se “ligado” a pessoas, que tem esse papel de transformar, como podemos notar no 6º parágrafo “*Esta noção do indivíduo, moral e naturalmente livre*”, livre para buscar, para transitar entre temas, o que para Silva (2012) é entendido como um processo de produção da identidade, que oscila entre dois patamares, um deles são processos para fixar e estabilizar a identidade, o outro, são fatores que a subvertem e desestabilizam, em uma constante reconstrução e desconstrução. Nesse sentido, Grada Kilomba (1968, P. 235) menciona “cinco elementos de defesa do ego: negação, frustração, ambivalência, identificação, descolonização”, partindo dos pressupostos o sujeito, negro ou branco, inicia um método de identificação, um momento de transformação em que não existe mais o “outro”, com sua opinião, mas sim, o “eu”, autor de sua história e reconstrutor de sua identidade.

CONCLUSÃO

Amarrar a questão da identidade a fatos tão importantes e ao mesmo tempo inter-relacionados como a performance e o decolonialismo, parte da busca constante por explicações sobre o processo e mudanças do sujeito durante toda sua vida, desde a infância. O estudo apresentado buscou trazer um pouco das teorias e estudiosos que explicam a construção, desconstrução e reconstrução da identidade, os quais afirmam a constantes transformações do “eu”.

Como *corpus* foi feita a análise do poema “Excertos”, de Oliveira Martins, a fim de trabalhar e demonstrar como a identidade encontra-se presente em um texto do século XIX, e nos dias atuais. Buscamos trazer explicações partindo dos estudos de Silva (2012), para compreendermos como a identidade nasce e transforma-se, pois encontra-se em constante processo, relacionando-se com diversas questões como sociais e culturais.

Concluimos, por meio da análise, que a todo momento estamos envolvidos nesse processo, utilizando a linguagem para convencer o outro, mudar pensamentos, formar identidades. A discussão é eficaz para uma mudança de postura frente ao que é imposto, por isso fala-se tanto em reconstruir, sendo fundamental a reflexão de nossos atos, como seres que impõem suas opiniões acerca de determinados assuntos.

Portanto, o estudo sobre a identidade não deve estar presente apenas no meio acadêmico, e sim, ser exposto, baseado em argumentos verídicos para que “velhas” opiniões sejam deixadas de lado. Colocar-se no lugar do outro e não deixar ser pelo olhar do outro. Falar dos traumas cotidianos que trazem de volta todo um passado de terror, a violação do ser humano, para assim, construir, desconstruir e reconstruir a identidade. A formação do indivíduo é gradual, o respeito e amor ao próximo devem estar em primeiro lugar nessa busca de reconstrução para não tornar-se ainda mais traumatizante, assim, a linguagem estará à frente desse eterno processo, como guia de um novo “eu” interior e exterior.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Richard. **Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social**. Publicado como “Poetics and Performance as Critical Perspectives on language and social life”, no Annual Review of Anthropology, 19:59-88, de 1990.

D’ELIA, Ricardo. **Almanack Corumbaense**. Corumbá – MT: Ed.1, 1898.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, Grada. 1968. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano/ Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.